

Leituras Crí ti cas

VESTIDA DE BRANCO.
A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA
RUY VENTURA

C. FLORES (ORG.), O SENTIDO PRIMEIRO DAS COISAS:
ENSAIOS SOBRE A OBRA DE MARIA TERESA HORTA
ELISANGELA DA ROCHA STEINMETZ

G. SOREL, RÉFLEXIONS SUR LA VIOLENCE
JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

Vestida de Branco. A imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.
Exposição comemorativa do centenário da primeira escultura
de Nossa Senhora de Fátima. (out. 2019 – out. 2020)
Basílica da Santíssima Trindade. Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

RUY VENTURA¹



Figura 1 – Elemento de comunicação da Exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima. *Vestida de Branco. A imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.*

Aurea Catena:

uma exposição no Centenário da Imagem da Virgem de Fátima

A imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, venerada na Cova da Iria (Ourém), no exato local onde sucederam os fenómenos sobrenaturais de 1917, ocupa um lugar inaudito no vastíssimo panorama das representações da Virgem Maria existentes em Portugal e na cristandade. Escultura em madeira dourada e polícromada nascida há 100 anos, trata-se de uma obra de arte com valor sacramental. Deve ser encarada enquanto «ícone, por ser o suporte do invisível que habita os homens» – «um veículo da graça» e «uma “porta” de acesso à comunicação com o divino», como propôs a escultora Clara Menéres. Em todo o século XX, não há talvez outro artefacto que tenha gerado tão grande adesão individual e coletiva,

¹ Universidade Católica do Porto (UCP), Cátedra Poesia e Transcendência.

que possua tão assinalável capacidade de irradiação. Isso é razão suficiente para deixar de ser olhado de soslaio pelos investigadores das diversas disciplinas.

Esse objeto artístico e cultural não é, todavia, uma peça sem raízes. Nascendo de uma incapacidade expressiva, não se trata da representação mimética de algo ou de alguém que tenha sido visto. É, antes, a apresentação possível da presença diáfana, luminosa e misteriosa que três crianças testemunharam, a qual o tempo e a multidão de fiéis se encarregariam de fazer sua e insubstituível. A sua contemplação pode gerar entusiasmo, estranheza ou mesmo rejeição, conforme o ponto de vista adotado por quem dela se aproxima. Obrigada, não obstante, os sujeitos incomodados pela imagem a situá-la numa linha diacrónica de mais de 1500 anos de História da Arte Cristã, sem abdicar de uma sincronia que, para ser honesta, tem de radicar-se nos vários relatos das aparições deixados pelos três videntes.

É precisamente esse percurso que o Museu do Santuário de Fátima nos propõe, apresentando até 15 de Outubro de 2020 a exposição «Vestida de Branco – A Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima», comissariada por Marco Daniel Duarte. A mostra está patente no *Convivium de Santo Agostinho*, junto da Basílica da Santíssima Trindade, na Cova da Iria. Aliando culto e cultura, arte e iconografia, ancestralidade e contemporaneidade, narrativa e interpretação, recordação e expectativa, a mostra estende-se por sete núcleos:

1. Figuração: as formas e as cores da Virgem Maria em cada tempo;
2. Narrativa: as formas e as cores da vida da Virgem Maria;
3. Síntese: as formas e as cores dos símbolos da Virgem Maria;
4. Inovação: as formas e as cores de novas iconografias;
5. A imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima: da construção «*ex nihilo*» à difusão do modelo à escala global;
6. Nossa Senhora de Fátima nas la-dainhas artísticas em tempo de diálogo entre arte antiga e arte contemporânea;
- e 7. Nossa Senhora de Fátima no imaginário de um povo: mitos, desafios e herança.

Qualquer olhar atento a esta exposição reconhecerá que a ela presidiu não só uma muito criteriosa seleção das peças expostas, mas também um discurso museológico que alia o rigor historiográfico a uma sensibilidade didáctica, a qual leva os visitantes à compreensão de um singular objeto artístico e das várias linhas contextuais que nele confluíram. Não se trata apenas de uma mostra de arte sacra, com objetos belos mais ou menos cristalizados no tempo ou no espaço, mas de uma realização arbórea que, partindo de um tronco comum (as representações figurativas ou simbólicas da mãe de Jesus Cristo), se ramifica por vários sentidos, mostrando-nos como ramo proeminente aquele que justificou o evento. Poderia ser uma exibição centrada apenas nas aparições de 1917, nas várias descrições da Senhora apresentadas pelos videntes, no processo de encomenda e execução da escultura venerada no lugar onde se erguia a azinheira,

nas formas que outros artistas além de José Ferreira Thedim deram à Senhora aí descida e na irradiação que a imagem esculpida em 1920 geraria por todo o orbe católico. Mas não. Sem dispensar qualquer dos aspetos que elenquei, a exposição é também um compêndio de arte cristã, de iconografia e de espiritualidade – quase um tirocínio que nos incita a um olhar comprometido e empático, sem dispensar a interação.

O número de núcleos propostos não é alheio à procura de uma totalidade hermenêutica tanto da escultura em apreço quanto dos veios simbólicos e artísticos que lhe deram origem. Se a exposição abre com a Virgem românica do Museu Nacional Grão Vasco (Viseu) e termina na maquete da Senhora dos Pastores esculpida por António Duarte num enorme penhasco da Serra da Estrela (1942) – passando por singulares e desafiantes abordagens contemporâneas de João Paulo Queiroz, Jaime Silva, Isabel Sabino, Maria José Oliveira, Emília Nadal, Cristina Ataíde, Sofia Areal, Pedro Calapez e Ana Lima-Netto, em que a evidência da representação dá lugar à inquietação transcendente da alusão –, tudo converge para o entendimento da obra de Thedim como eixo e ponto de confluência semântica. Lida assim, a escultura «de santeiro» venerada por uma multidão de católicos abandona o estatuto de menoridade que habitualmente lhe é atribuído pela comunidade académica e artística para se assumir enquanto objeto de síntese de onde os caminhos se multiplicam e irradiam.

A abordagem proposta por Marco Daniel Duarte induz-nos, assim, a olhar a imagem da Senhora de Fátima como uma espécie de construção coletiva, centro dum contínuo processo de interpretação e reinterpretação ou, mesmo, de *produção* de sentidos e sentimentos quantas vezes indizíveis. Dito de outro modo, se contemplarmos sem preconceitos esta exposição, guardando-a na memória para depois a recordarmos, sentimo-nos como herdeiros e obreiros da polissemia dessa escultura.

A apresentação de tão importante e variado conjunto de obras de arte e de objetos não pode ser olhada apenas como exposição fechada sobre si própria, mas, como ensaio interpretativo delineado pelo espaço do *Convívium de Santo Agostinho*. Mesmo as peças aparentemente mais insignificantes (como a roca de plástico com a imagem da Senhora ou as suas réplicas mais populares ou industriais) fazem sentido, ao acentuarem um discurso coerente. É claro que o nosso olhar fitará sempre com maior admiração estética as Virgens esculpidas por Mestre Pêro, Diogo Pires o Velho, João de Ruão, Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Maria Amélia Carvalheira, Clara Menéres, Maria Irene Vilar, Maria do Carmo d'Orey, Laranjeira Santos ou Luís Líbano Monteiro – ou aquelas que pintaram Bento Coelho da Silveira, Marcos da Cruz, Almada Negreiros ou Artur Moreira. Mas nenhum dos elos dessa corrente pode ser retirado, sob pena de ela se tornar incompreensível. Até mesmo uma peça «estranha» como o manto real de D. Amélia de

Orleães (*ex voto* oferecido à Virgem de Fátima) tem o seu significado transcendente neste contexto, ao apontar Maria como *Regina* e *Mater Omnia* que protege os seus sob um amplo manto misericordioso.

Entrelaçando culto e cultura, passado, presente e futuro, esta exposição oferece-nos instrumentos de compreensão de um fenómeno artístico, sociológico, antropológico e teológico que urge ser lido desapaixonadamente, mas com empatia. Deitá-los fora seria rejeitar caminhos sem os quais dificilmente enten-

deremos uma parte decisiva da nossa contemporaneidade. Por isso mesmo me parece muito importante que o Santuário de Fátima promova a edição de um bom catálogo que salvguarde no futuro o percurso agora proposto. Só assim se evitará a dispersão de conhecimentos e de interpretações. Se tal edição não tiver lugar, o tempo tratará de apagar esta raríssima oportunidade científica e espiritual, oferecida aos homens de boa vontade pela comemoração do centenário da imagem da Virgem de Fátima.